

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
Câmpus de Araraquara  
Curso de Letras

ASPECTOS RELEVANTES NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UM  
ESTUDO EM ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIO

SAVANA MARIA BENJAMIN

ARARAQUARA-SP  
2010

ASPECTOS RELEVANTES NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO: UM  
ESTUDO EM ESCOLA FUNDAMENTAL E MÉDIO

SAVANA MARIA BENJAMIN

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Letras-  
UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de  
Bacharel em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Edson do Carmo Inforsato

Araraquara – SP

2010

## *Dedicatória*

*A minha mãe, Silvana, pelo amor incondicional, e mesmo à distância, sempre esteve ao meu lado.*

*Ao meu pai, pelo amor e suporte para realização dessa faculdade.*

*Aos meus irmãos, Wellington, Willian, a minha cunhada Tatiani, pelo apoio, pelas risadas e também pelas críticas que me fizeram crescer ainda mais.*

*Aos meus amigos, Aline, Amanda, Carolina, Gabriel, Luiza e Mariana pelos momentos de descontração e também de apoio.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida.

Aos meus pais, que mesmo distante, estiveram sempre comigo nos momentos mais difíceis, com todo amor.

Ao Prof. Dr. Edson do Carmo Infrosato, por abrir meus caminhos para o mundo da Educação e, principalmente, pela sua compreensão nos momentos mais difíceis.

A todos os meus familiares que festejaram cada conquista realizada, que me apoiaram nas etapas mais difíceis e que torceram e torcem por mim.

## RESUMO

A relação professor-aluno hoje é muito estudada, pois a educação é a base para o ser humano. Nesta monografia, pretendemos abordar alguns aspectos relevantes que interferem na boa ou má relação entre ambos. Encontramos o embasamento teórico para essa pesquisa junto a alguns teóricos que abordaram essa relação, particularmente, Pedro Morales e Patrícia Patrício. A metodologia adotada para a verificação buscou-se em observações diretas em aula ministradas e observadas em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio e também por meio de um questionário aplicado com 90 alunos dessa mesma escola. Sendo assim, com o objetivo de identificar os aspectos influentes na relação professor e aluno e avaliar suas consequências, chegamos a resultados interessantes, como o autoritarismo, o meio escolar, e, principalmente, a dedicação do professor afetam nessa relação. Dessa forma, confirmamos o que os autores dizem com as observações feitas em relação aos alunos e aos professores.

**Palavras-chave:** Relação professor-aluno; professor; ensino fundamental.

Qualquer que seja nossa postura pessoal, sem dúvida transmitimos mais do que ensinamos formalmente... E pode acontecer que *isso* seja o mais importante e duradouro... Não há relação humana – e a relação professor-aluno na sala de aula é uma relação humana – em que não se dê uma influência mútua...Influímos, para bem ou para mal, querendo ou não.

Pedro Morales

## Sumário

<b>1. Introdução.....</b>	<b>7</b>
<b>2. Fatores importantes da relação professor-aluno.....</b>	<b>8</b>
<b>2.1 A Escola.....</b>	<b>8</b>
<b>2.2 Caracterização Da Unidade Escolar .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3 O Professor.....</b>	<b>13</b>
<b>2.4 Outros aspectos importantes da relação professor-aluno.....</b>	<b>18</b>
<b>3. Conclusão.....</b>	<b>24</b>
<b>4. Bibliografia:.....</b>	<b>26</b>
<b>5. Anexos.....</b>	<b>27</b>
<b>5.1 Questionário.....</b>	<b>27</b>
<b>5.2 Comentários.....</b>	<b>28</b>
<b>5.3 Gráficos.....</b>	<b>30</b>

## 1. Introdução

Em nosso meio social, há vários tipos de relações, e uma delas é a relação entre professores e alunos. A boa ou má relação entre ambos não se dá isolada, ou seja, é necessária interação entre as duas partes. Além disso, é uma relação complexa, que não pode ser definida apenas em uma relação didática fria e nem em uma relação humana muito calorosa. É uma relação em que o professor é o sujeito principal, mas que não existe sem a interferência do aluno.

Há muito que se estudar, pesquisar e discutir sobre o assunto, pois além de envolver profissionalismo, envolve também sentimentos e emoções por parte dos envolvidos. Com esta monografia, pretendemos abordar os aspectos mais importantes dessa relação com base em estudos teóricos e aulas observadas e ministradas a alunos da oitava série do Ensino Fundamental de uma escola em São Carlos.

Com relação a esses aspectos, há alguns muito importantes que, às vezes, deixamos passar ou não damos a devida importância. Entre eles há a relação pessoal com os alunos da classe que é de extrema importância, para um resultado positivo no final do processo; as atitudes que devemos ter ou não em sala de aula; o modo como nos portamos diante da classe no primeiro dia de aula, entre outros.

A escolha desse tema foi feita para melhor compreensão do papel do professor e da relação que estabelece com os alunos diante dessa profissão, que hoje é muito questionada e muitas vezes criticada, mas que é importantíssima para o futuro do país e também para o crescimento pessoal de cada ser humano.

Portanto, o objetivo dessa pesquisa é saber quais são os aspectos mais relevantes que influenciam uma boa ou má relação, e juntamente com a pesquisa breve feita com os 90 (noventa) alunos, e também qual seria o professor ideal para eles, com uma pequena avaliação feita sobre seus professores.

## 2. Fatores importantes da relação professor-aluno

### 2.1 A Escola

Barbara Freitag, em *O indivíduo em formação*, faz uma abordagem muito interessante com base na leitura da obra de Raul Pompéia, *O Ateneu*, observando os aspectos que envolvem a relação entre professor e aluno, no caso dos personagens principais, Aristarco, o diretor do internato, e Sérgio, o aluno, fato que deixa claro que o ambiente em que se estuda influencia a convivência e, principalmente, na formação social de um indivíduo.

Com a leitura do livro, percebe-se que essa relação foi modificada durante o decorrer da narrativa. Para esse estudo, o que importa, é focalizar o internato como modificador dessa relação. Isso se dá porque a instituição era, a princípio, um local que deveria ser prazeroso para os alunos, em especial para o narrador Sergio, um local que proporcionasse a construção de conhecimentos. Mas não é o que percebemos no final da narrativa.

O internato e a escola têm o mesmo papel que é ser o elo que permite a relação entre professores e alunos, definindo a intensidade, a qualidade e a forma dessa relação, mas com algumas diferenças. A princípio, pensamos que essas diferenças não fazem diferença no resultado final. Todavia, são elas que determinam as transformações sofridas na formação dos indivíduos.

Dentro do internato, os alunos deveriam seguir as regras, com horários para cada atividade, além de sofrerem as punições, que revoltavam Sérgio. Diferentemente, a escola também tem suas regras, mas os alunos não moram lá, apenas passam algumas horas de seu dia.

No estudo de Barbara, ela nomeia os papéis das personagens com sendo o aluno, que representa o papel de dominado, de criança e de educando, enquanto o diretor desempenha o papel de dominante, de adulto, de educador. Essa denominação causa conflitos entre ambos. Sergio não era feliz lá dentro, tinha de seguir regras, sem contar os abusos que sofria por parte dos alunos mais velhos, criando, então, um ambiente infeliz, e por isso, não sentia prazer em estudar, até o momento em que resolve enfrentar seu superior Aristarco, mudando completamente seu comportamento dentro da instituição.

Como conclui Barbara, a instituição interfere na formação do indivíduo, principalmente por estar relacionada à educação, ao momento em que se começa a aprender, a

entender o mundo, e pensar no futuro. Portanto, o ambiente escolar deve ser agradável e não um campo de batalha entre professores e alunos. Isso também depende da estrutura da escola e da relação entre alunos e diretores também.

É interessante buscar a composição da diretoria, saber quais os planos para o ensino e saber como a coordenação da escola interage com os alunos. Isso são fatores que influenciam no desenvolver do aluno na escola.

## 2.2 Caracterização da Unidade Escolar

A escola na qual foram assistidas e ministradas as aulas é uma escola estadual pública, localizada na cidade de São Carlos, que incorporou recentemente o Ensino Fundamental, denominada hoje como ensino de primeiro ciclo, somente no período da tarde, e Ensino Médio no período diurno e noturno.

Ela foi fundada em 1916 e tornou-se um patrimônio público. Por isso, não pode ser modificada estruturalmente, apenas restaurada. Esse fato implica em alguns problemas, como a falta do refeitório pra distribuição da merenda escolar, obrigatória para o Ensino Fundamental que não existia até final do semestre passado. Antes havia apenas um lanche: suco, pão e alguma fruta. Após reclamações, a escola foi obrigada a modificar a cantina existente, e, no lugar, adaptar uma cozinha. Desse modo, hoje, os alunos recebem a merenda normalmente.

De modo geral a escola é muito espaçosa: as salas da parte superior são bem ventiladas, iluminadas; há duas quadras, uma para futebol, basquete etc., e outra telada para o vôlei e também uma sala de Educação Física fechada, para os dias de chuvas. O pátio da escola para o intervalo também é grande.

Existem alguns problemas de infra-estrutura, como a das salas de aulas que prejudicam um pouco as aulas, e, conseqüentemente, a relação professor-aluno. Algumas delas, por exemplo, são no porão da escola, muito quentes e não espaçosas. Isso faz com que os alunos tenham que colocar as carteiras próximas umas das outras, o que facilita a conversa entre eles e também não é possível realizar atividades em grupos, por falta de espaço. Não há uma sala de vídeo para os alunos. Eles adaptaram uma parte do porão da escola, abaixo do saguão principal, e lá colocaram carteiras e uma televisão. Mas é um local muito quente e desconfortável, tanto para os alunos, quanto para o professor. Lá foi a principal sala que usei durante as aulas, pois usava muitos recursos audiovisuais.

Esses detalhes que, para alguns não tem muita importância, constitui um dos fatores que influenciam a relação professor-aluno.

A sala de aula, a escola em geral, deve ser um lugar agradável para ambos, um lugar que possa haver uma relação de trocas, de construção de conhecimentos, permitindo um

ambiente mais agradável, e não um lugar que se sinta obrigado a ir. Temos alguns alunos que não gostam de ir para a escola exatamente por isso: são obrigados.



Foto 1: Vista Frontal da Escola



Foto 2: Vista Superior da Escola

## 2.3 O Professor

Não podemos deixar de falar do papel do professor nessa pesquisa. Ele tem muitos papéis em sala de aula, como o de guiar, orientar, estimular a curiosidade e o interesse, centrar a atenção e principalmente, repassar o seu conhecimento, além de outros que falaremos mais adiante.

Segundo PATRÍCIO (2005), o professor bem sucedido tem cinco hábitos que o favorece e sete pecados que o desfavorece, e que não podem ser cometidos em sala de aula.

Primeiro, o professor deve conhecer o funcionamento da mente, ou seja, ele deve ter controle de si mesmo, saber superar conflitos, perdas. Desse modo, um professor que demonstra não ter controle de si mesmo, deixa visível para os alunos que também não terá a capacidade de controlá-los. Outros hábitos, como possuir sensibilidade, educar com emoção e para vida e utilizar a memória como suporte e não apenas como depósito de informações, são importantíssimos para o desenvolvimento do aluno, principalmente para a capacidade de pensar antes de reagir, saber debater, desenvolver consciência crítica, estabelecer metas etc., são lições que os alunos levarão para toda a vida, e nesse aspecto esses professores são considerados bem sucedidos, pois os alunos aprendem com mais vontade e sabem que esses conhecimentos vão ser usados em algum momento de suas vidas.

Entretanto, há situações que o aluno "reprova" a atitude do professor e que acontecem com frequência nas aulas. Uma dessas situações é seu autoritarismo que leva a outros comportamentos reprovados pelos alunos, como, por exemplo, humilhar o aluno em público. Esse humilhar pode ocorrer principalmente quando o professor corrige um aluno, usando palavras desnecessárias e o que é pior, na frente de toda a sala, fato que pode virar motivo de piada pelos outros alunos. Essa situação fica mais evidente em aulas de leitura: se o aluno que está lendo comete um erro, ou não faz uma boa leitura, sempre tem um aluno ou um grupo de alunos que dão risadas e deixa o colega se sentindo constrangido.

Um fato que pode ser interpretado como abuso de autoridade ocorreu em uma das minhas aulas de observação. A aula era sobre discursos e os alunos deveriam colocar os exemplos na lousa. Após a explicação, a aluna foi colocar o seu exemplo e usou uma expressão de origem do futebol, que estava sendo muito falada na época. Mas como a sala inteira riu e envolveu também a escolha do time da professora (o exemplo era do seu time rival), ela se exaltou e colocou a aluna para fora da sala de aula, mesmo o exercício estando

correto. Isso demonstrou o abuso autoritarismo e sua falta de controle, pois ela poderia ter agido de outra forma, explicando que mesmo a frase estando certa, talvez não fosse o momento correto de colocá-la.

Outro fato que ocorreu, esse em uma das aulas ministradas, foi a de uma coordenadora que entrou na sala para dar um recado, e quando viu um aluno sentado de lado na carteira, começou a humilhá-lo na frente da sala, causando desconforto para mim que estava dando a aula, e, principalmente, para o aluno, pois foi diante da sala toda. Por coincidência, esse aluno é “perseguido” por muitos outros professores por ser hiperativo. Ele é um aluno inteligente, mas muitas vezes perturba os professores, mas ao mesmo tempo, participa e tem boas notas nas provas. Mas muitos professores não sabem lidar com essa hiperatividade e, muito menos, explorar esse lado que pode ajudar muito nos estudos. Como curiosidade ele foi o aluno que se classificou para as Olimpíadas de Matemática da escola.

Esses são exemplos de como a falta de controle pode atrapalhar a aula, pois o restante das aulas foi péssimo, os alunos ficaram agitados comentando o fato ocorrido, e alguns até com medo de terminar a atividade ou de falar durante a aula.

Esse tipo de agressividade que o professor, e não só ele, demonstra, é um ato reprovado pelos alunos. Para eles, o professor é quem deve educar, e a agressividade não é o método apropriado.

A crítica por parte do professor é um dos pontos que os alunos sempre cobram dos professores. Se o professor é muito crítico, não abre espaço para as opiniões dos alunos, eles se sentem oprimidos e com medo de serem criticados e sua opinião não ser importante e construtiva para si próprio. Isso os reprime e deixa a aula desinteressante, pois como já foi dito, a sala de aula deve ser um lugar de construção de conhecimento, com aprendizado e doação de ambas as partes. Com base na pesquisa realizada, alguns comentários dos alunos de como seria o professor ideal, apareceu alguns citando, que o professor deveria escutar mais o aluno, sem críticas.

Diante disso, o professor deve sempre estimular os alunos, ajudar na construção do conhecimento e principalmente, não destruir seus sonhos e esperanças. Aqui entra um ponto que não podemos deixar de citar nesse trabalho, que é muito importante, e que causa muitas discussões: como ser um bom professor.

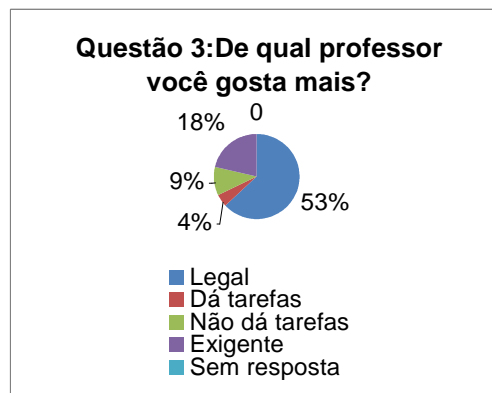
Se fizermos uma pesquisa com os alunos para saber o que um professor deve fazer ou não para ser bom, o resultado será sempre muito parecido. Começando pelos jovens e chegando até os adolescentes, mas com a diferença de que os mais novos falam que os bons

professores ensinam bem, ou até em aspectos físicos, como o vestir. Já os mais velhos valorizam os aspectos mais didáticos, como ter conhecimento da matéria, controle dos alunos em sala, serem motivados e dedicados, estimular os alunos a estudarem e principalmente serem humildes.

Outros estudos ainda mostram que alguns alunos preferem o professor “bonzinho”, ou seja, aquele que não é rígido na correção da prova, nas aulas, que não dê tarefa para casa, enquanto que para outros, o professor tem que cobrar as tarefas, dar muitos exercícios para praticar as teorias, e que saiba tornar as aulas mais interessantes usando métodos que motivem os alunos a estudarem.

Os resultados da pesquisa feita com os alunos da oitava série não foram diferentes. Os comentários feitos pelos alunos de como seria um professor ideal são bem parecidos, dando destaque às seguintes condutas: respeitar a opinião dos alunos, explicar bem a matéria, controlar os alunos, não ter alunos preferidos, ter vontade de ensinar e ajudá-los, entre outros.

Ainda com base na pesquisa, pelo gráfico abaixo, vemos que os alunos preferem os professores legais, seguidos por exigentes, que não dá tarefas e por fim, os que dão tarefas.



MORALES (1999), a respeito disso, apresenta-nos três principais pontos de uma pesquisa feita com professores se auto-avaliando e que coincide com nossa reflexão: “Mesmo sem conceber nossa profissão docente como uma profissão de ajuda mais integral, é uma pena desperdiçar a ocasião que nos é proporcionada por tantas horas passadas com os alunos. É o mínimo que podemos dizer”. (MORALES, 1999, p.43)

Primeiramente, devemos ter a docência como oportunidade de ajudar e servir aos outros, de ter o poder, ser uma fonte de recursos e que pode servir para ajudar os alunos.

Outro ponto é de ter responsabilidade ética e moral e ter o poder de influenciar, positiva ou negativamente, a vida dos alunos. Alguns professores ainda citaram que tiveram uma grande influência de seus professores em sua infância, e por isso, se sentem na obrigação de fazer o mesmo.

E por último, temos os professores se considerando como modelos de identificação, ou seja, eles se consideram no mesmo papel do aluno: eles vão para aprender e o professor está ali para ensinar e ajudar, além de estar ali para ensinar também para a vida, e não somente para perguntar na prova.

Assim, a reflexão de como ser um bom professor, levando em conta várias aspectos já ditos, como a doação de ambas as partes para um bom relacionamento; ter atitudes didáticas, como preparar bem as aulas, explicar claramente, ter conhecimento do que se fala etc., e também atitudes de caráter relacional, como sorrir, escutar com atenção e não deixar ninguém se sentir ridículo, é o que podemos concluir dessa pesquisa.

A partir dessa reflexão, MORALES (2009) apresenta um decálogo que cria várias discussões com base nas recomendações para ser um bom professor. Alguns deles se contradizem com a realidade, como não comunicar os objetivos da matéria no primeiro dia de aula. Aqui é que entra a vontade do professor de dar aula, pois como já foi dito, deixar os alunos cientes do que vão aprender é muito importante para um bom começo de relação. Manter sempre certa ambigüidade para os alunos, ou seja, não deixar transparecer sua opinião para que não seja alvo fácil de críticas é outro aspecto que Pedro expõe.

Preferir sempre os ditados, para que o aluno treine a cópia e também para que não seja desculpa de ter anotado mal as explicações e na hora da prova, não responder corretamente é outro aspecto que pode gerar conflitos com a realidade. Em minhas aulas, com pouco tempo, eu usava métodos, como o data show, textos e exercícios xerocopiados, que ajudavam apresentar todo o conteúdo da matéria no tempo, e o autor fala que não pode usar desses métodos, pois deixam os alunos se sentindo infantis. Todavia, percebi o contrário. Eles queriam sair da rotina da cópia, e com os textos e os slides, eles participavam muito mais das aulas, e achavam bem mais interessantes, apesar de alguns ainda terem o vício da cópia, e queriam sempre copiar tudo o que estava escrito. Nesse ponto, meu ponto de vista é contrário, talvez até porque estejamos vivendo na era da tecnologia, e adaptar-se a ela é um processo que requer cuidados.

O aprender com os erros é muito importante para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da pessoa. Por isso os alunos devem sentir-se livres para errar e aprender

com os erros. Não se pode aprender em um ambiente inseguro, tenso, desconfiado, em que o aluno sinta medo de responder ou perguntar, de forma geral, de se expressar em sala. Talvez ele seja aprovado na matéria, mas não aprende como deveria.

É importante dar estrutura ao aprendizado, que se resume em proporcionar informação e orientação ao aluno, cuidar dos exercícios, do ritmo de aula, e atentar-se à quantidade e qualidade de informações que se dá aos alunos, ou seja, manifestar expectativas e responder de maneira consistente, sem esquecer que o professor deve ser organizado na preparação das aulas, nos exercícios, em classe e principalmente ser flexível, ou seja, ser capaz de se adaptar ao que ocorre em sala de aula.

Outro fator também é que o professor deve ficar atento aos comentários em sala, principalmente àqueles que desmotivam os alunos. O professor não deve ignorar os que mais necessitam e dar mais atenção aos que já são motivados, todos os alunos são importantes. A dedicação do aluno influi sobre a conduta do professor, ou seja, a influência é mútua, por isso não se deve usar de artifícios, como, por exemplo, gritar ou aplicar uma prova só porque a sala não está cooperando com o professor, como se fosse uma vingança para os alunos que não se interessam, pois temos que lembrar que há os alunos que estão prestando atenção e participam da aula, e eles não podem pagar pelos erros dos outros.

Mas deve haver por parte do professor uma atitude para encerrar esse círculo vicioso, principalmente quando a desmotivação por parte do professor aumenta se a classe não corresponder. Portanto nesses momentos aprendemos a gritar a altura deles e principalmente tentar encontrar uma maneira que se aprende a controlar a sala.

O professor tem que ter condutas em sala de aula como dar orientação, mostrar entusiasmo, propor alternativas para escolha dos alunos, estimular a curiosidade, o interesse, centrar a atenção, mostrar relevância do que se estuda e criar um clima de confiança e satisfação. Perceber também que os alunos têm necessidades (embora não tenham consciência clara delas) e levá-las em conta para sermos eficazes em nossa profissão. Essas condutas podem ser condutas verbais (o que e como comunica) e também não verbais (gestos, olhares e sorrisos), o que faz e como organiza. As condutas do professor influem nas percepções dos alunos, influi sobre a motivação e dedicação do aluno ao aprendizado. É necessário que o aluno perceba o interesse do professor.

## 2.4 Outros aspectos importantes da relação professor-aluno

Iniciaremos a apresentação desses aspectos salientando que, primeiramente, deve haver uma boa relação didática entre aluno e professor, pois este vai à sala de aula para ensinar, para ajudá-los na tarefa do aprendizado e não para causar risos nos alunos ou algo parecido. O professor deve ir consciente de que seu papel é ensinar, e o aluno também deve ter consciência de que seu papel é de aprender.

Assim, o aspecto que falaremos é o primeiro dia de aula. Esse é o primeiro passo para a interação e é quando o professor se apresenta e os alunos têm a primeira impressão, não só como professor, mas também como pessoa. Esse primeiro contato com os alunos requer cuidados, pois os atos são minuciosamente observados pelos alunos, e, às vezes, não são muito bem compreendidos por eles, e isso pode levar a consequências boas ou não no futuro. Se o aluno não sentir confiança no professor, poderá afetar na relação direta entre os dois e prejudicar o aprendizado, porque o mensageiro, no caso o professor, é recusado pelo receptor, no caso, o aluno.

Devemos explicar, no primeiro dia de aula, com clareza, nossos objetivos e animar os alunos com o curso, sem esquecer de que os alunos têm o dever de estudar, mas não de adivinhar o que vão estudar. Desse modo, já começamos a construir um bom relacionamento com os alunos, para que as próximas aulas se tornem mais interessantes e tenhamos mais confiança.

No meu primeiro dia de aula, quando estava fazendo o estágio, pude perceber exatamente isso: é muito importante apresentar-se muito bem e deixar claro qual é o seu papel diante da sala, para que eles percebam que não era apenas uma estagiária que estava ministrando a aula, mas, sim, uma professora, e que meu papel ali era muito importante para eles também, juntamente com a importância das aulas que ministraria ao longo do semestre. Com essa atitude, percebi que as aulas seguintes foram um sucesso, pois eles entenderam o propósito da aula e interagiam junto comigo. Foi quando entendi que se mostrarmos confiança, vontade e respeito na primeira aula, as outras serão destinadas para uma maior aproximação, a fim de chegar-se a uma boa relação.

Podemos citar também na relação entre alunos e professores, o preconceito e as avaliações prévias que fazemos de determinados alunos ou classes.

Com frequência, encontramos pessoas com preconceitos a respeito de uma pessoa, não somente pela sua opção sexual, pelo sexo, mas também por questões que envolvam cultura, religião, etnia, principalmente pela mistura de culturas que temos em nosso país. Em um ambiente escolar, também encontramos preconceito, além desses, também em relação a um aluno, a um grupo de alunos ou ainda sobre determinada sala.

Além desse tipo de preconceito, há alguns professores que tentam influenciar negativamente, contando sempre os defeitos da sala, os problemas de alguns alunos etc. principalmente quando o professor é novo naquela escola. Essa atitude não é boa e nem vai ajudar o professor, pois se ele é novo na escola, há grandes possibilidades de ele entrar para dar aula com mais insegurança, com medo, porque certos professores já o alertaram que não é fácil lidar com aquela classe.

Mas não se pode generalizar. Às vezes esse aluno ou a classe não se dão bem apenas na matéria de um determinado professor, e isso não significa que ele não vá gostar da sua aula também. Os alunos devem ter oportunidades, pois se sempre os professores o ignorarem, ele vai entender que ele ou que aquela matéria não lhe serve de nada, que está na escola à toa, e, por isso, não vai se interessar por nada nunca. É nesse momento, então, que o professor tem o dever de estimular e dar oportunidades a esses alunos.

Outro fator que podemos citar nesta relação é a abertura do professor na sala de aula, ou seja, como ele conta fatos pessoais e como se expõe diante dos alunos. Como em toda relação, essa exposição pode ser boa ou má, diante da visão dos alunos. Se um professor conta muitas histórias sobre sua vida pessoal, pode levar os alunos a entenderem que ele não consegue ser um bom professor, pois não explica a matéria como deveria. Já se usa de alguns exemplos em determinados casos, o aluno pode entender que o professor está criando uma relação mais aberta com os alunos, dando-lhes certa liberdade.

Essa liberdade, se não for limitada, pode gerar outros conflitos que serão difíceis de serem revertidos. Podemos citar aqui as expectativas que os professores criam sobre o rendimento de um ou vários alunos. Quando criamos essas expectativas, estamos criando também conseqüências que podem ser positivas ou negativas no aprendizado deles, até mesmo mudanças de comportamento em sala de aula. Sobre esse efeito, Pedro Morales nomeia como efeito Pigmalião<sup>1</sup>: “A expressão *efeito Pigmalião* foi cunhada para exprimir os

---

<sup>1</sup> Pigmalião, segundo um mito grego, foi um rei de Chipre que se encantou com uma estátua de Afrodite. O que se aproxima nesse sentido é de Ovídio. Em suas *Metamorfoses*, conta a versão de que um escultor, Pigmalião, criou uma estátua de marfim e se enamorou dela tornando-a um ideal de mulher, a deusa Vênus, que se tornou

efeitos das expectativas do professor quanto ao rendimento dos alunos”. (MORALES, 1999, p. 85)

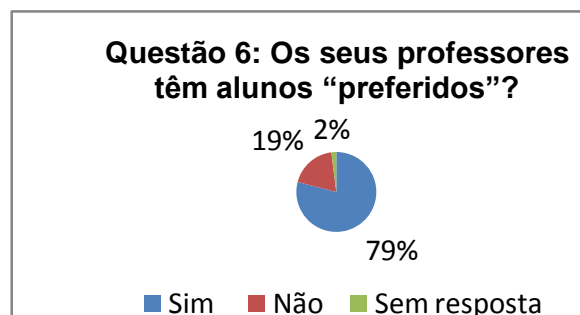
Criamos expectativas altas para os alunos que pensamos que tem mais potencial e ao mesmo tempo, temos condutas que demonstram o desinteresse por alguns.

No efeito Pigmalião, há expectativas, que se traduzem em condutas, e se referem às expectativas altas que criamos em relação a certos alunos, e também condutas para aqueles que percebemos o fracasso. Sempre tem aqueles que participam das aulas, tiram notas ótimas nas avaliações, e existem também alguns que conhecemos, como, por exemplo, os que são filhos de amigos ou os que conhecemos por algum outro motivo. Esse tipo de favorecimento pode prejudicar

O aprendizado dos alunos, pois, como já foi dito, não se deve favorecer nenhum aluno, todos são importantes, por isso é necessário que todos tenham a mesma atenção.

Podemos perceber que há várias maneiras de manifestar esse interesse aos alunos especiais, como dar mais oportunidades para eles, incentivar mais o estudo, sempre mostrando que vale a pena esse esforço, dar mais informações, resumindo, então, no que Pedro Morales chama de teoria do afeto e esforço, que consiste, basicamente, em relação ao afeto, a mudar nosso relacionamento em com os alunos que tem mais potencial, ou pelo menos que acreditamos que tenham, e em relação ao esforço ajudá-lo mais, dando-lhe mais oportunidades.

Ter expectativas e desejos diferentes para cada aluno, que podem favorecer no desempenho dele, principalmente daqueles em relação dos quais temos expectativas altas, pode interferir também no nosso modo de nos relacionar com os próprios alunos. A pesquisa mostra que alguns alunos gostariam que os professores não tivessem alunos preferidos, pois todos merecem o mesmo tratamento. No gráfico abaixo temos a porcentagem dos alunos que acham que seus professores tem alunos preferidos:




---

real e atendia todas as súplicas de seu criador. Assim, o professor emprega todo seu empenho para conseguir que seus alunos correspondam às suas expectativas, mesmo limitando-se a esperar muito deles.

Mas também temos expectativas de fracassos em relação a alguns alunos, principalmente porque nós reconhecemos com mais facilidade o fracasso do que o êxito. Apesar dessas condutas não serem a causa do fracasso deles, temos de estar conscientes de que elas podem influenciar sim o êxito de alguns e fracassos de outros. Essas condutas não são apenas as estimulantes, mas também olhares, má vontade para responder, elogios etc.

Ter essas condutas em sala de aula não é uma boa característica para ser um bom professor, por isso, por mais que se tenha vontade de ajudar mais uns do que outros, devemos sempre nos lembrar de que estão todos na mesma condição, são todos alunos, e que nosso dever é o de ensinar, igualmente.

Entretanto, há momentos que queremos que nossos alunos aprendam algumas coisas, mas eles vão além e aprendem outras também. Contudo, nós professores, não damos conta de que ensinamos. Segundo MORALES (1999), essa relação é chamada de não intencionais. Para ele há dois tipos de relações que envolvem o ensino e aprendizado: as intencionais e as não intencionais, e ambas afetam o ensino.

“O que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender pode ser, e com frequência é, o mais importante e o mais permanente do processo de ensino-aprendizado, e isso por sua vez depende, em boa medida, do estilo de relação que estabelecemos com os alunos”. (MORALES, 1999, p. 16)

Nas intencionais, o ensino e o aprendizado revelam, respectivamente, o desejo de ensinar e aprender, mas pode ser também que o desejo de cada um não coincida, ou seja, às vezes só o professor pode querer ensinar, enquanto o aluno não quer aprender, ou a situação reversa, que acarretaria, então, em um despreparo ou falta de conhecimento por parte do professor, que se resume num aprendizado intencional, mas sem professor, fazendo com que o aluno busque por si só o ensino.

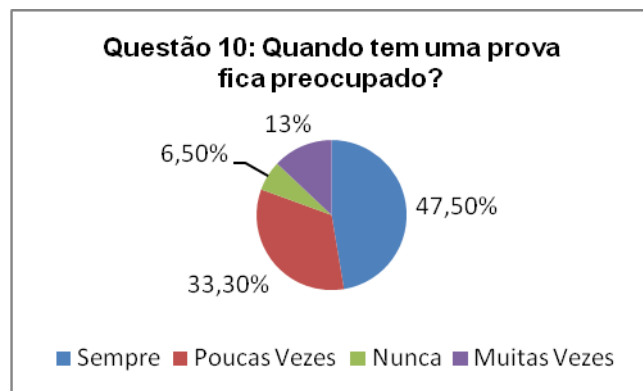
Há também a relação não intencional de ambas as partes, ou seja, o professor não ensina e o aluno não quer aprender. Mas com esse tipo de interação, podemos introduzir que há outros problemas que determinam esse desinteresse pelo ensino, que seriam, por exemplo, a má vontade ou o desgosto de ambas as partes, como se o professor mostrasse para o aluno que ele não tem capacidade para aprender tal matéria. Isso leva a sérios problemas, como a descrença do aluno em si mesmo, dando a entender que o esforço de tantos anos de estudos podem não valer a pena no futuro, e, assim, não se esforçam para estudar e pensam que, muitas vezes, uma dada matéria não contribuirá em nada para sua formação.

Essas lições aprendidas não - intencionalmente implicam em atitudes negativas pelas mensagens transmitidas verbal e não verbalmente, por meio do que dizemos ou não e também pelo que fazemos ou deixamos de fazer em sala de aula.

Há também a relação de ensino não intencional e aprendizado intencional, principalmente quando, por prestígio do professor, ele acaba ensinando além do que conscientemente ensinaria e o aluno aprende. Mas, para isso, é preciso que o professor seja bom: saiba a matéria, saiba dar boas aulas, e principalmente ser bem visto pelo aluno, como um professor modelo.

Não podemos falar da relação professor-aluno, sem lembrar das temidas avaliações. Os alunos em geral, quando se aplicam provas, ficam na ansiedade de saber qual foi a nota, se foram bem ou mal, e raramente se preocupam em saber sobre o próprio conhecimento. Por isso é importante, quando devolver a prova, explicar quais foram os erros, e mais importante que isso, explicar o porquê do erro, principalmente naquelas questões que necessitam de compreensão e não apenas memorização.

Na pesquisa, há uma questão que aborda esse aspecto, e que, como podemos ver nesse gráfico, os alunos na maioria das vezes, ficam preocupados quando tem avaliações:



Quando se fala em avaliações os alunos logo criticam, não gostam, pois tem medo de serem avaliados, principalmente sabendo que aquela nota vai para seu boletim. Esse pensamento permite que os alunos sempre tenham medo de fazer uma avaliação, já que como o próprio nome diz, eles serão avaliados com base no que o professor ensinou em sala de aula. Esse comportamento faz com que os alunos já comecem a prova com um pensamento negativo, um nervosismo que, muitas vezes, só atrapalha no desenvolvimento da avaliação. Por isso é muito importante que o professor tente mudar esse pensamento, informando que essas avaliações são apenas para os alunos expressarem seus conhecimentos, que haverá outras oportunidades para eles serem avaliados. Mas, mesmo assim, sempre haverá uma

insegurança durante a prova, pois há outros aspectos, como a pressão do tempo, não poder errar, e, principalmente, porque acaba se tornando um “treino” para os vestibulares.

Portanto, é muito importante que os alunos saibam logo dos erros, para poderem corrigi-los antes que comentam os mesmos erros novamente. Mas para isso é importante que o professor corrija o quanto antes essas avaliações, e, assim, os alunos teriam tempo para rever quais as maiores dificuldades, diminuindo o risco desses erros se tornarem sistemáticos.

Para os professores, aplicar avaliações tem o intuito, na maioria das vezes, de cobrar o conteúdo dado em sala de aula. Mas deve ser, além disso, um método para se conhecer a classe e também a si mesmo, pois com as provas podemos ver quais as maiores dificuldades dos alunos e também se há problemas na hora da explicação e que pode-se perceber em erros na avaliação. Mas, na maioria das vezes, os professores não deixam isso claro para os alunos. Alguns ainda aplicam as provas como um castigo quando a sala não se comporta, ou seja, os alunos sabem que a prova é a punição e por isso detestam fazê-las.

Uma boa idéia que MORALES (1999) defende é de que o professor faça uma carta dirigida à sala, falando sobre o resultado da avaliação em termos de conteúdo, ou seja, quais foram as maiores dificuldades, os acertos, e com isso mostre para a sala que além da nota, o professor avalia também a evolução da classe e quais os pontos que devem ser revistos. Essa ideia não é muito usual, mas pode vir a ser, pois é muito interessante no sentido de melhorar as relações ente professor e aluno.

Podemos chamar esse tipo de avaliação de *informativa*, pois os alunos têm a explicação por parte do professor das respostas das provas e conseqüentemente dos seus erros, e assim podemos usar essas avaliações como estratégias didáticas, para termos maior conhecimento de cada aluno e em geral da classe.

### 3. Conclusão

Diante das análises feitas para apontar os aspectos mais relevantes da relação que envolve professores e alunos, pode-se perceber que é uma relação muito complexa, complicada e que requer muito cuidado, principalmente em relação às atitudes que temos dentro da sala de aula. Mas como em toda relação, há muitos fatores que desequilibram a estabilidade emocional e comportamental das pessoas, e na relação professor-aluno não é diferente.

Como vimos, há muitos outros fatores que influem na relação professor-aluno, e todos estão interligados por essa interação que deve haver entre ambos. O professor não existe sem o aluno e vice-versa.

Por isso, não adianta apenas seguir as regras das escolas, do planejamento das aulas, pois há situações que acontecem em sala que só o professor saberá como resolver, ou até mesmo só com o tempo conseguirá se adaptar.

As escolas hoje têm muitos alunos em sala de aula, principalmente as escolas públicas. As classes variam de 35 a 40 alunos. Consequentemente se perde um pouco de controle da sala, porque sempre têm alunos que não se interessam e acabam atrapalhando os outros que se interessam. Como vimos esse fator na escola é um dos aspectos que influenciam na relação professor-aluno e que ficou mais perceptível nas aulas observadas, quando a professora perdia o controle e usava de sua autoridade, gritando com os alunos, colocando-os para fora de sala de aula, outro fator que desestabilizava a aula.

Apesar dessas perdas de controle, pude perceber que a professora é muito querida pelos alunos. Ela conseguia cativá-los, pois criava certa intimidade com eles, buscando sempre conversar, diferenciar as aulas, que é um dos requisitos, segundo os alunos, para ser um professor ideal, mas essa intimidade às vezes lhe criava problemas, pois ela tinha muitos alunos preferidos em cada sala, que, segundo os alunos ainda, não é uma boa característica para ser bom professor. Mas por ela ser “legal”, foi uma das professoras mais votadas na pesquisa.

Ser professor é ser mais que educador. A escola é um segundo lar para os alunos, e, por isso, deve ser um espaço agradável que se tenha prazer de ir e isso, em grande parte, interfere nessa relação.

Deve haver sempre amor pelo que se faz. Esse já é um grande passo para qualquer tipo de relação. Mas deve haver principalmente respeito pelos alunos. Não se devem priorizar uns, e renegar outros. Todos temos os mesmos direitos dentro de uma escola.

Tendo como base a minha relação com os alunos, ao longo desses dois anos de estágio, com base nos comentários feitos pelos próprios alunos de como seria um professor ideal, para que então tivéssemos uma ótima relação, observei que por coisas simples, como tratar todos igualmente, realizar a função de professor, que é corrigir tarefas, dar atenção ao que os alunos falam, principalmente porque são eles que têm as maiores dúvidas, explicar bem a matéria, demonstrando segurança no que faz. É imprescindível hoje é mais fácil para os professores, pela existência da Cartilha do Governo, mas isso não significa que o professor deve limitar-se a ela. Os alunos têm que perceber que você sabe mais do que está escrito ali, que está à frente da sala também por amor, por prazer, e que passar adiante seu conhecimento é seu principal objetivo.

São em pequenas coisas, em pequenos detalhes que podemos melhorar as relações. Assim, não precisaríamos obrigar os alunos a entrar no mundo do saber, da educação, e, sim, convidá-los para isso. A relação professor-aluno é importantíssima para o ensino-aprendizagem e cabe ao bom relacionamento entre ambos tornar essa relação agradável, caminhando, assim, para um ótimo ensino.

#### 4. Bibliografia

FREITAG, Barbara. *O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre a educação*. 3 Ed. São Paulo; Cortez, 2001.

MORALES, Pedro. *A Relação Professor-Aluno: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

PATRÍCIO, Patrícia. *São Deuses os professores? O segredo dos professores de sucesso*. Campinas: Papyrus, 2005.

RAYS, O. A. *Repensando a Didática*. Campinas: Papyrus, 2005.

<http://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/?conteudo&id=14> (último acesso em 29/11/2010)

<http://www.alvaroguiado.com.br> (último acesso em 29/11/2010)

## 5. Anexos

### 5.1 Questionário

Responda com um X qual opção você mais concorda, pensando nos professores em geral. Após o questionário há um espaço para escrever um comentário de como seria um professor ideal para você.

Os professores explicam bem a matéria, ou seja, de forma que você entende?	Sim	Não		
Os professores ensinam de maneira divertida?	Sempre	Às vezes	Nunca	
De qual professor você gosta mais?	Legal	Dá tarefas	Não dá tarefas	Exigente
Se você tem dúvidas, o professor sabe ajudá-lo?	Sim	Não	Às vezes	Nunca
Os professores dão importância ao que os alunos falam?	Sempre	Muitas vezes	Poucas vezes	Nunca
Os seus professores têm alunos “preferidos”?	Sim	Não		
Os nossos professores sabem explicar a mesma matéria de várias maneiras?	Sempre	Muitas vezes	Raramente	Nunca
Os professores explicam-me os erros quando me devolvem os exercícios corrigidos	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes
Os professores fazem revisões das matérias dadas?	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes
Quando tem uma prova fica preocupado?	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes
Nas discussões em sala, vocês respeitam a sua vez de falar?	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes
Os nossos professores dizem-nos para trabalhar melhor	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes
Os professores dão muitas tarefas?	Sempre	Poucas vezes	Nunca	Muitas vezes

Comentário:

---



---

## 5.2 Comentários

Comentário:

O professor ideal seria aquele que não deixasse a matéria acumular para dar prova que desse tempo e explicasse as dificuldades, e que fosse um(a) aula diferente.

Comentário:

Uma boa aula é dinâmica e às vezes descontentada e então o aluno tem uma imagem negativa da matéria e do professor.

Comentário:

O professor ideal daria tarefas no final de semana para os "exercitantes", não teria os alunos "preferidos", humoraria de forma divertida e de vários momentos e sempre reinovava as tarefas.

Comentário:

acho que a professora de matemática é o tipo de professora que todos gostariam de ter: atenciosa, sabe explicar as matérias dadas e não tem alucinhas preferidas.

Comentário:

Um professor ideal seria aquele que em uma sala cheia não permitisse toda a sala por causa de alguns nos... mas, só permitisse aqueles que fizeram a bagunça e desrespeitaram os alunos e os professores.

Comentário:

O professor ideal para mim, seria aquele que além de muito exigente, que não tivesse alunos "preferidos", que explique e atenda os alunos com educação e que corrija as lições a cada tarefa de casa realizada.

Comentário:

Na minha opinião, o professor ideal é aquele que respeita a opinião do aluno, que dá aulas descontraídas, mas que não se esqueça da qualidade do ensino.

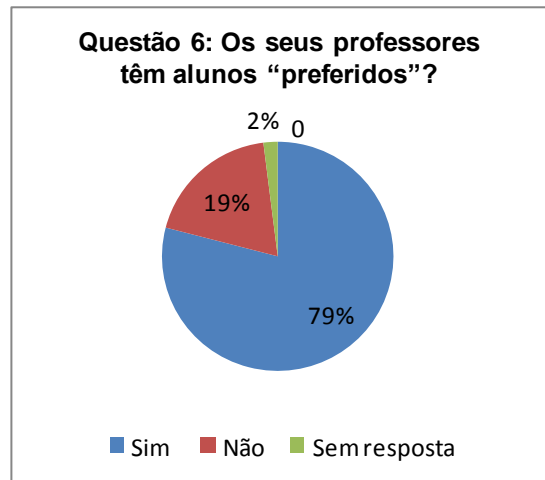
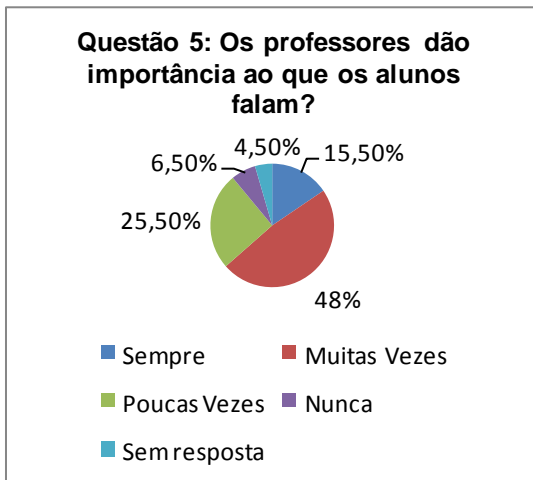
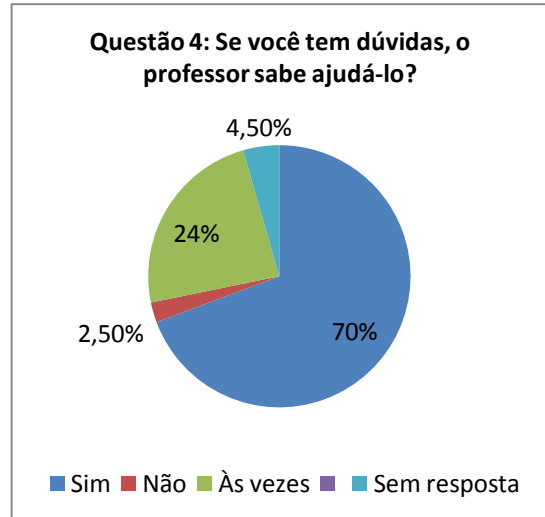
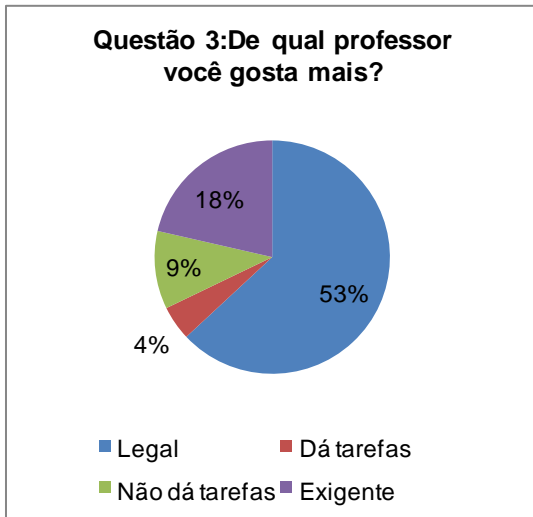
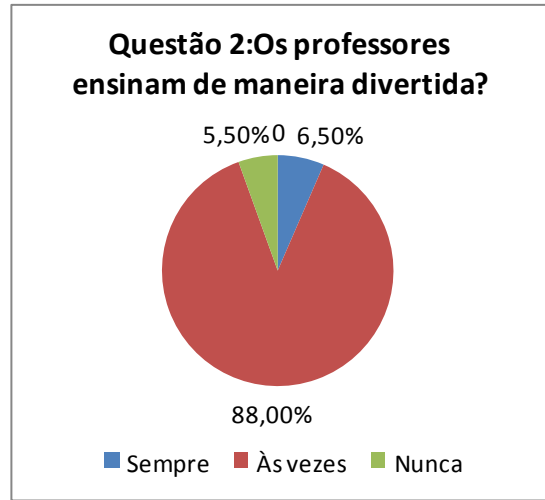
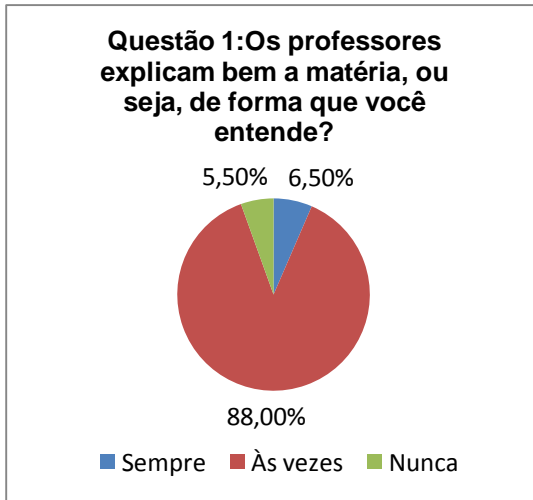
Comentário:

O professor ideal seria um professor de educação física que dê pontos a cada aluno que chegarmos nas aulas.

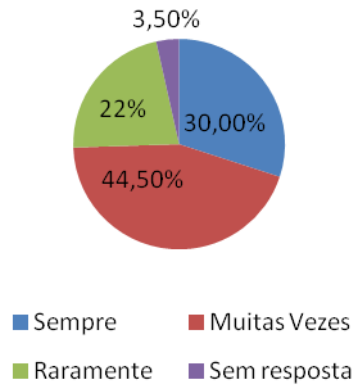
Comentário:

Para mim, o professor ideal, é aquele que respeita, escuta e defende o aluno, pois hoje em dia as pessoas só sabem falar mal dos adolescentes, mas não os escutam.

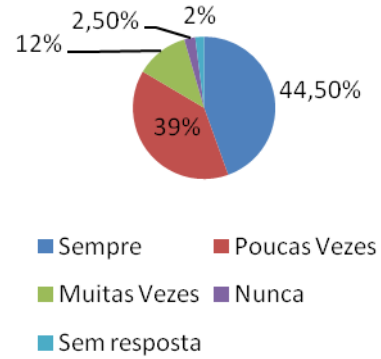
5.3 Gráficos



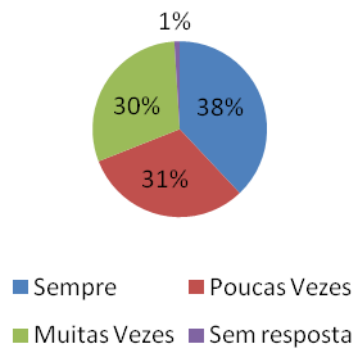
**Questão 7: Os seus professores sabem explicar a matéria de várias maneiras?**



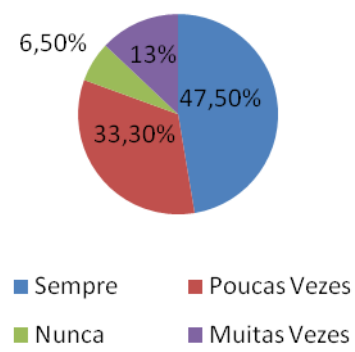
**Questão 8: Os professores explicam-me os erros quando me devolvem os exercícios corrigidos**



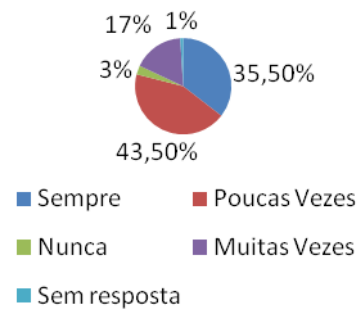
**Questão 9: Os professores fazem revisões das matérias dadas?**



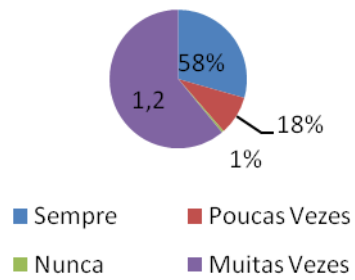
**Questão 10: Quando tem uma prova fica preocupado?**



**Questão 11: Nas discussões em sala, vocês respeitam a sua vez de falar?**



**Questão 12: Os nossos professores dizem-nos para trabalhar melhor**



**Questão 13: Os professores dão muitas tarefas?**

